

FABRÍCIO CARPINEJAR

Deixa a criança ser Tímida



Ilustrações Ana Pez

edelbra

**Deixa
a criança
ser Tímida**

1ª edição, 1ª impressão

Ilustrações: Ana Pez

Projeto gráfico: Victória Piffero

Revisão: Mônica Ballejo Canto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C298d

Carpinejar, Fabrício, 1972-

Deixa a criança ser tímida / Fabrício Carpinejar ;

ilustrações Ana Pez. - 1. ed - Porto Alegre, RS : Edelbra, 2014.

120 p. : il. ; 21 cm. (Pedaços de vida ; 1)

ISBN 978-85-66470-46-8

1. Crônica. I. Pez, Ana. II. Título. III. Série.

14-11105

CDD: 869.98

CDU: 821.134.3(81)-8

2014

Edelbra

www.edelbra.com.br

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida
ou copiada, por qualquer meio,
sem a permissão por escrito da editora.

Impresso no Brasil pela Edelbra Gráfica Ltda.

FABRÍCIO CARPINEJAR

Coleção Pedacos de Vida

**Deixa
a criança
ser Tímida**

edelbra

UDELBRA

*Esta é a biografia do meu
olhar paterno. Se não é
real, foi por um detalhe.*

Meus filhos nunca perguntam: por que está triste?

Eles me fazem feliz antes de perguntar.

Só passei a rir à toa depois da paternidade. Rir por nada mesmo. Rio porque vejo meu filho desenhando uma casa com pernas ou reparando no modo como ele segura o garfo, igual à sua avó, ou em seu jeito de correr atravessado em encostas de grama. Ou observando a concentração da filha diante da televisão ou de seu bocejo esquecendo a proteção das mãos. Quando não era pai, o riso pedia um motivo. Uma função. Uma explicação. A piada tinha de ser muito engraçada.

Hoje a vida é mais engraçada do que a piada. Ao largar a pasta do trabalho, há um alívio de que serei abraçado pelos filhos até ser derrubado. Levantarei as pernas para cima, desistindo das reservas. Meu riso dá cambalhotas sem colchão.

Sumário

Cinco coisinhas para dizer ao seu filho	11
Família não é uma empresa	13
Como conversar com adolescentes	17
Do liquidificador à chaleira	21
Câmera em casa	25
Desapego	29
Deixa a criança ser tímida	31
Debaixo da mesa	35
Pesso	37
Alegres decepções	41
Salgadinhos	45
Completo incompleto	47
Treze anos	51
Não sei o que é	55
Uma solidão solteira	59
Jogo de comparações	69
Meu medo	71
Velho-do-saco	75
Pijama monocromático	79
Girar o vidro do baleiro	83
De bandeja	87
Presentes	91
Insônia	94
Sete segundos	97
Conversa séria	101
Homem rosa, mulher azul	105
Chantagens	108
Cabelo no prato	111
Uma letra entre as pegadas	114
Consoante	117
Fabrício Carpinejar	119
Ana Pez	119



CINCO COISINHAS PARA DIZER AO SEU FILHO

1 Dorme com os anjos e depois pede para o anjo passar em meus sonhos.

Meus filhos não fecham os olhos sem essa frase, é um ritual como fungar no pescoço. Dormir com os anjos ainda é pouco. Deve-se pedir que eles falem com os anjos e percebam que são responsáveis também pelos nossos sonhos. Assim entenderão que um sonho é vizinho do outro, como seus quartos são vizinhos do meu. Um dia, Vicente disse que ficou muito tempo com os anjos na gangorra e esqueceu de avisar que eu o estava esperando.

2 Vamos arrumar o quarto juntos?

Não acredito que a criança deve arrumar tudo sozinha, qual é a graça? A criança, quando vai organizar o quarto, encontra outras possibilidades de brincar. O pai ou a mãe podem descobrir o que ela mais gosta, propor novos sentidos aos brinquedos, construir parques a partir dos destroços e conhecer a evolução de sua imaginação e de sua linguagem.

3 Contar histórias para acordar.

Filho deseja que os pais contem histórias justamente para não dormir, para acordar sua sensibilidade. É o momento de fazer fantoches de vozes. O teatro das pausas. Dublar bichos e personagens. Ele pede para contar novamente a mesma história porque já descobriu que é impossível repetir. O amor não se repete, sempre encontra um jeito de ser original.

4 Não esquece o casaco!

Isso é uma maneira de dizer: não esquece do meu abraço. A criança lembra do frio e volta para aquele aperto perfumado. Toda despedida é um ensaio para o regresso. Minha mão não nasceu para o aceno, nasceu para ser um cinto ou um suspensório.

5 Eu te amo muito muito muito que desaprendi a contar.

Para um filho não definir a contagem do amor é um alívio. Sentimento não tem tamanho, mas valor. Dependendo do silêncio do filho, ele está retribuindo sua declaração. Uma criança fica quieta para mastigar sua vontade de amar. Aprendeu que não se fala de boca cheia.

FAMÍLIA NÃO É UMA EMPRESA

Estava na mesa-redonda da Bienal do Livro do Rio de Janeiro. Em algum momento, um colega de auditório disse: “A família é como uma empresa”.

E aquilo me incomodou profundamente. Aquilo me arrancou a audição.

“É na família que forjamos vencedores. Se os filhos não obedecem, não fazem nada, tem preguiça para qualquer coisa, não ficariam numa empresa, é o mesmo processo.”

Caso meu avô Leonida escutasse isso, soltaria um de seus xingamentos prediletos: “Vai catar coquinho e deixar de ser besta”.

A família não é uma empresa. Nem deve ser. Não vou demitir ninguém em casa. O pai ou a mãe não é o que queremos deles, mas o que eles podem oferecer.

Estou de saço cheio de ouvir que uma família deve trazer rentabilidade, organização e competência. A cobrança não fixa um lar.

Na minha residência, cada um tinha uma tarefa. Mas não era uma empresa, ou uma cooperativa. Não fui promovido. Não esperava cargos de confiança. Os irmãos me continuavam.

Uma vez, quando fui demitido, expliquei para minha filha de 4 anos o que havia acontecido.

“O trabalho não me quis mais.”

Ela respondeu bem calma:

“São bobos, fique calmo, será meu pai sempre.”

Eu dependo de um lugar para falir na minha vida. Deixe-me ao menos a família.

Eu posso perder tudo, menos a família. A família é meu despertencimento, a adoração dos telhados, o avental no gancho da cozinha. Nem Deus, nem seus capatazes tiram aquilo que foi desejo. Podem subtrair minha memória, mas guardarei o desejo fora de mim. Em minha mulher.

A família é o único lugar que continuaremos vivendo sem a expectativa de acertar. Mente-se diante da agenda, não de um prato de comida. Precisamos de um espaço para falir, para errar e se debruçar em nossas fraquezas. Já tenho que ser funcional no emprego, no lazer, nas relações com os outros. E agora a sugestão é que trabalhemos também na família. Isso é exploração infantil, isso é jornada dupla, isso é transformar elos naturais em conexões automáticas.

A família depende de uma única coisa: a intimidade. E intimidade não é emprestada, intimidade é não pedir de volta.

A família é o único lugar que me permite ser verdadeiro. É o único reduto de autenticidade. Não vamos colocar a competição dentro dela. Ou encher os nossos filhos de horários e de obrigações para que não pensem bobagens. Eles carecem das bobagens para escolher seus caminhos. Ser ocupado não nos torna importantes; não nos torna responsáveis. Envelhecer é se desocupar para a amizade.

Quando pequeno, não fiz natação, não fiz inglês, não fiz informática, não fiz o raio-que-partia. Eu tinha o tempo livre depois da escola e jogava futebol com os colegas, roubava frutas e brincava na casa dos vizinhos. Voltava para a casa quando a mãe gritava: “tá na mesa!”. A infância é própria para a vadiagem. Quando iremos vadiar de novo?

Se a família é uma empresa, um dia os filhos vão pedir demissão, um dia o pai e a mãe vão se aposentar, um dia os tios vão pedir concordata, um dia o genro vai desviar recursos.

Na família, os laços são eternos e não provisórios, como uma empresa. Família não é trabalho, família é experiência. E nunca haverá perdedores na família, mas irmãos e filhos e pais. Eles são a família, não um referencial de realização.

Essa exigência de sucesso na família implica em

não aceitar os perdedores. O que são os perdedores senão os mais sensíveis à pressão? Por isso, famílias se assustam com os problemas e escondem filhos alcoólatras, drogados e doentes em clínicas. Sofrem com a cobrança pública. Temem a exposição de seus defeitos.

Família é ter defeitos, é ter fantasmas, é ter traumas. Frustração é não contar com uma família para se frustrar.

Família é compreensão, não um acordo.

Não temos que alimentar vergonhas de nossas vergonhas. Família é onde tiramos os sapatos e deitamos os casacos. Não promoverei reunião-almoço na minha sala. Não afastarei um parente pela malversação. Não solicitarei a restituição das mesadas. Não exigirei que minha filha escolha medicina ou direito pela estabilidade. Não condiciono minha paixão a resultados.

Um patrão nunca será um pai. Não procuro disciplinar meus filhos, o amor é a mais suave disciplina. E o abraço é a minha desordem.

COMO CONVERSAR COM ADOLESCENTES

Adolescente não merece pagar a conta pela crise de identidade. Não é culpa do hormônio.

A crise já eclodiu na infância. Ruim mesmo são as espinhas, que buscam o lugar fixo das sobrancelhas.

Estou farto da sentença “é adolescente, tá explicado” como desculpa para a azia do comportamento. Explicado o quê?

Seu filho bate a porta, não conversa com as visitas, passa emburrado e embirrado pela sala, não troca um olhar digno no almoço, logo justificamos: “é a adolescência”. E os adolescentes deitam e rolam aproveitando a fama.

Adolescência virou uma entidade divina. Uma força sobrenatural para explicar a falta de paciência, humor e entendimento dos pais.

Os adolescentes só perdem para os políticos no *ranking* “É assim mesmo”. É necessário reconhecer, eles são grosseiros, mas os pais são carentes desesperados pelo reconhecimento. O problema não é a compreensão, é a frequência. Eles estão rindo, e os pais falando sério.

Na adolescência, exercita-se o avesso da linguagem. Tudo é ao contrário. A linguagem está se olhando no espelho. A ironia é talhada, assim como a crítica.

O adolescente não fala nada direto, fase das tangências e das transversais. Deixa as avenidas para os adultos, andam pelos becos, vielas, ruas sem saída.

Minha filha de 13 anos não me elogia, sequer faz declarações apaixonadas. Não vai me abraçar e denunciar que sente saudades. A fase dos cartões com desenhos e legendas “eu te amo, papai” terminou na 3ª série. Edição esgotada, reimpressão fora de cogitação. Quem guardou, guardou.

Ela me critica de um modo implacável. Manhã, tarde e noite. Nem meus inimigos seriam tão atentos. Estou colocando uma roupa e ela espicha sua voz. Juro que vou receber um carinho e ela tasca:

— Que barriguinha charmosa.

Primeiro *round*. Sento-me para escrever no computador, ela logo vem e diz toda melosa:

— Minha carequinha.

Em dez minutos, sou barrigudo e careca. Segundo *round*. Atendo o telefone e ela me imita, destacando as palavras que pronuncio enroladas:

— Ingrês, pai?

Agora sou fanho. Terceiro *round*. Ela ouve meu

Fabício Carpinejar

Fabício Carpinejar acredita que a vida é feita para os corajosos. E que uma palavra na hora certa pode decidir caminhos. O autor nasceu em 1972, em Caxias do Sul (RS), e atualmente está radicado em Porto Alegre (RS), onde mora com a mulher Katy e os filhos Vicente e Mariana. Poeta, cronista, jornalista e professor, publicou 26 livros ao longo de quinze anos de literatura. Atua como apresentador da TV Gazeta e da TVCOM, colunista das revistas *Isto É Gente* e *Pais & Filhos*, jornal *Zero Hora* e comentarista da Rádio Gaúcha. Ganhou vários prêmios, entre eles: duas vezes o Jabuti, edições 2009 e 2012, o de melhor livro infantojuvenil da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), em 2012, e o Olavo Bilac 2003, da Academia Brasileira de Letras.

Ana Pez

Nasceu em 1987 em Madri (Espanha), onde vive. Estudou História e ilustração. Começou na profissão dando cursos de desenho e participando de diferentes tipos de projetos, como capas de discos, páginas web, material para teatro. Em 2013 passa a ilustrar para o mundo editorial, colaborando com editoras como a Edelvives (Espanha) e Nobrow (Inglaterra).

edelbra

www.edelbra.com.br



Coleção Pedacos de Vida

“Excesso de cuidado estraga tanto quanto a falta dele. A criança não pode perder a possibilidade de escolha. Tem direito ao pudor, à cautela, ao mistério, à insegurança. A timidez ajuda a conhecer e a preservar a solidão.”



edelbra

